

## **SIGNIFICANDO A PRÓPRIA HISTÓRIA: MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA DE VIDA**

**Fábio Ricardo Mizuno Lemos**

Instituto Federal de São Paulo, Câmpus São Carlos

[fabio.lemos@ifsp.edu.br](mailto:fabio.lemos@ifsp.edu.br)

**Eixo temático:** Cultura, Sociedade e Relações de Poder

**Resumo:** Neste breve texto algumas memórias da minha trajetória pessoal são acessadas para significar o percurso de vida, buscando relacioná-lo com decisões e encaminhamentos acadêmicos. Como objetivo, realizou-se um levantamento de acontecimentos pessoais e acadêmicos que tiveram influência no direcionamento de minhas atuais ações de pesquisa. Para isso, utilizou-se a narrativa como metodologia, apresentando reflexões sobre alguns momentos de vida pessoal e acadêmica. O exercício de rememorar trouxe, de forma ainda incipiente, a percepção de coerência entre as interrogações surgidas no percurso pessoal e as atuais propostas de pesquisas – encontram-se situadas em saberes de experiência feitos.

**Palavras-chave:** História de vida. Narrativa. Formação.

### **1. Intencionalidade**

A provocação para o início da escrita do presente texto foi, a partir do atual contexto acadêmico-profissional situado, revisitar o passado para significar a trajetória de formar-me docente e pesquisador da área de Ensino, especialmente no que diz respeito à proposição e desenvolvimento de um projeto de pesquisa que tem como intencionalidade identificar, descrever e compreender processos educativos decorrentes de práticas sociais escolares e não escolares relacionadas a contextos de opressão e marginalização socioculturais. No projeto em questão, a valorização de saberes e fazeres não acadêmicos, em articulação com aportes teóricos da educação popular, da educação das relações étnico-raciais, da pedagogia da libertação e das epistemologias do sul, visa anunciar possibilidades de desenvolvimento de um ensino que promova a educação para a conscientização e humanização.

Compreendendo que as trilhas percorridas ao longo da vida nos subsidiam a formar-nos como pessoas e influenciam nossas ações, quais os trechos destes caminhos estariam relacionados com o direcionamento de minhas atuais ações de pesquisa a temáticas como: culturas populares, saberes e fazeres; gênero e diversidades; raça, etnia e educação antirracista; relações de poder e resistência?

Partindo dessa interrogação, o objetivo do trabalho foi realizar um levantamento de acontecimentos pessoais e acadêmicos que tiveram influência no direcionamento de minhas atuais ações de pesquisa.

Para isso, a metodologia utilizada foi a narrativa. De acordo com Prado e Soligo (2007):

A narrativa supõe uma sequência de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos presenteia com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de os revelar. [...] comporta dois aspectos essenciais: uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados. [...] [A] relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas, sim, o que se pode interpretar (p. 48).

## 2. Memórias: estar-sendo

O ingresso de minha mãe, aos meus 7 anos, em concurso público no cargo de Inspetora de Alunos (atual Agente de Organização Escolar) do quadro do Governo do Estado de São Paulo em uma escola do interior do Estado possibilitou-me vivenciar desde criança o ensino em outra perspectiva, a dos/as trabalhadores/as da educação. Sem dúvidas, os seus comentários sobre a realidade do trabalho e da escola, além dos momentos que a acompanhava em suas atividades, foram trazendo-me percepções sobre o contexto escolar, que na unidade em questão era o de uma instituição localizada em bairro periférico da cidade, tendo como público filhos/as de trabalhadores/as da classe popular.

Por também ser filho de trabalhador e trabalhadora da classe popular, fui percebendo na realidade cotidiana as agruras enfrentadas por essa parcela significativa da população. Não que naquele momento já havia a conscientização sobre as diferenças e desigualdades de classes (FREIRE, 2021), ao contrário, havia o desconhecimento, o silenciamento, mas as vivências permaneciam ali incorporadas.

Apesar de morar em outro bairro periférico da cidade e, conseqüentemente, ter como “caminho certo” cursar a escola pública do bairro, minha mãe teve a ousadia de tentar matricular-me na unidade do centro da cidade. O ímpeto em realizar a tentativa surgiu das informações que foi coletando e a fizeram concluir que o ensino naquela escola pública central era melhor do que a do bairro, ao menos nas turmas do período da manhã. Isso era do conhecimento de todos/as os/as discentes da escola central, podendo ser resumido na frase “se não tirar nota boa, será transferido para o período da tarde”.

As turmas eram divididas em letras, sendo a turma A, a do período da manhã e a turma B, a do período da tarde. Recordo-me que geralmente era somente 1 turma em cada período, mas no ano que ingressei naquela escola central foram abertas 2 turmas de 1ª série (atual 2º ano do Ensino Fundamental) no período da manhã e matricularam-me na 1ª série B, a título de experiência sobre o meu rendimento. Se correspondesse às expectativas, continuaria no período da manhã, caso contrário, seria transferido para o período da tarde. Não lembro ao certo se a transferência poderia já ocorrer no período letivo vigente, entretanto, certamente ocorreria na série/ano seguinte. Finalizei a 1ª série no período da manhã e nas 7 séries seguintes fui matriculado nas turmas A.

A pressão pelos resultados era grande, assim como, alguns estranhamentos, como o relacionado aos alunos que iam à escola de bicicleta, quando comparado aos que eram levados de carro; o referente ao estojo de tecido, em comparação ao com vários compartimentos, botões e funções; os relativos às vestimentas, aos lanches, entre outros. Geralmente, encontrava-me entre os/as considerados/as “estranhos/as”.

Da forma que foi possível, que certamente contou com o auxílio de alguns familiares e amigos que resistiram “intuitivamente” junto comigo, os efeitos do colonialismo invisível não foram tão devastadores. Para Galeano (2012):

O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que a servidão é um destino, e a impotência, a tua natureza: te convence de que *não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser* (p. 157 – grifos do autor).

No ensino médio, a escolha que me coube foi entre cursar uma escola pública regular e uma escola pública com cursos técnicos integrados ao ensino médio. Optei pela escola técnica, a partir do critério já utilizado por minha mãe – a qualidade do ensino em detrimento da localização geográfica. E assim, depois da aprovação em exame de seleção, concluí o Ensino Médio e o curso técnico. Nesta escola, a partir do exemplo acadêmico de alguns professores, comecei a vislumbrar a possibilidade de cursar a graduação, que só se viabilizaria se fosse aprovado em uma universidade pública. Com a ajuda de alguns familiares, consegui frequentar, concomitante com o final do ensino médio técnico, um curso preparatório para vestibulares. Ali minha visão foi se expandindo, como se a cada dia que entrava no ônibus para fazer o deslocamento entre minha cidade natal e a cidade referência da região para estudar, algumas barreiras e fronteiras fossem ultrapassadas.

Rompendo com “amarras” de classe para acesso à universidade pública (afinal, ainda estávamos no final da década de 1990, sem a efetivação de cotas), ingressei em curso superior gratuito. A minha trajetória na graduação aproximou-me de um grupo de estudos e de pesquisas que envolviam visões críticas sobre a valorização do trabalho em detrimento do lazer ou sobre a realidade de desigualdade de equipamentos públicos e condições para usufruto do lazer em diferentes bairros das cidades, por exemplo. Assim, os estudos do lazer me conduziram a iniciações científicas e ao mestrado, que teve como foco a compreensão de trabalhadores de indústrias transnacionais sobre os seus lazers.

Mais uma vez o empenho na condução dos estudos, deslocando o foco do receio em ser “transferido para o período da tarde”, para a possibilidade de superar condicionamentos, como o de que a graduação e a pós-graduação *stricto-sensu* seriam “reservadas” a determinadas pessoas, auxiliou-me a quebrar expectativas limitadas e limitantes.

Cursar o Mestrado e o Doutorado em Educação em uma linha de pesquisa que problematiza as relações de poder e valoriza os saberes de grupos minoritários foi fundamental para o processo contínuo de conscientização e desocultação de opressões vivenciadas.

Esse exercício de rememorar a própria trajetória de vida trouxe, mesmo que de forma ainda incipiente, a percepção de coerência entre as interrogações surgidas em meu percurso pessoal e as minhas atuais propostas de pesquisas. É possível afirmar que as questões de pesquisa também estão situadas em meus saberes de experiência feitos (FREIRE, 2021).

## Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. (edição comemorativa do centenário de nascimento).

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2012.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história de formação... *In*: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007. p. 45-59.